



Minhas lembranças sobre Paulo Martins Machado*

Todas as minhas lembranças sobre o Paulo são tão vívidas que não parecem ter iniciado há tanto tempo atrás. Dez, quinze, vinte anos, elas começam e não param mais. Na verdade, elas são como a própria vida e como o próprio Paulo era: dinâmico, denso e entusiasmado. Daí me acompanharem com essa intensidade.

Nossa empatia, eu diria, foi instantânea e causada pelo fato que tínhamos marcantes coisas em comum e em nossas preferências sobre o que, em realidade, é importante nesta vida, isto é: tudo. Já nossa amizade nasceu e cresceu por mais dois fatos que se somam ao primeiro. Por um lado, apesar de nossa diferença de idade, quiseram as circunstâncias institucionais, da nossa querida Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA), colocar-nos frente a frente, em decisivos momentos de nossas respectivas carreiras como psicanalistas, com incrível regularidade. Por outro lado, o andar dos anos só fez aumentar a admiração, o respeito e o afeto recíprocos.

Lá por 1977, eu já o conhecia de nome, pois o Paulo era um psiquiatra afamado e com várias inserções no meio, tais como sócio fundador do Centro de Estudos Luis Guedes, ativo participante da Sociedade de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, entre outras. Também já o conhecia, desde então, por suas participações nas reuniões científicas da SPPA, às quintas-feiras. E, em 1980, eis que surge o Paulo, em minha sala de seminários, no quarto ano da minha formação, para, junto com o Germano Vollmer Filho, que era o professor titular, ministrar a cadeira Psicologia do Ego, em sua debutante condição de Instrutor de Ensino. A disciplina era e segue sendo difícil de ser aprendida e, em especial, de ser ensinada, mas os dois conseguiram o impossível: nos ensinaram. O Paulo impressionou-me vivamente por sua seriedade, descrição, postura, dedicação, vivacidade e por uma inteligência de fato arguta, desafiadora e destemida. A minha sensação – a qual persistiu em inquietante e prazerosa observação por todos esses anos – era que pensar para ele era algo de natureza heróica, épica, quase dilacerante e que, por causa disso, não podia ser em vão, ainda que absolutamente necessário. Mostrou-me isso em inúmeras ocasiões, sendo uma delas através do seu trabalho sobre reparações, de 1985, com o qual obtive o título de membro efetivo da nossa Sociedade e sobre o qual, em mais de uma oportunidade, eu referi considerar o melhor trabalho da categoria.

* Este texto, originalmente escrito para a *Revista de Psicanálise da SPPA*, foi cedido pelo autor para publicação no *Jornal do Centro de Estudos Luis Guedes*, instituição da qual o Dr. Paulo Martins Machado foi sócio fundador.



Luiz Carlos Mabilde

O Paulo era também para nós um padrão ético e normativo. Uma prova constante disso era o fato de que, ante qualquer dúvida estatutária ou do regulamento, os nossos olhos se voltavam para ele com a mesma rapidez com que ele nos respondia. Foi também o primeiro coordenador do nosso Comitê de Ética e quem produziu o seu primeiro documento, o qual será a base para, junto com o Código Mínimo da IPA, erigir o nosso código definitivo. Outro fato de idêntica natureza, de 1987, é um dos aspectos que tem a ver com outra história que nos envolve, nos defronta e, eu diria, determina nossa nascente amizade. Por eu ter sido o primeiro candidato da assim chamada “nova” geração a apresentar o trabalho para a obtenção dos títulos de psicanalista e de membro associado da SPPA e o Paulo o último da “velha” geração que os obteve, coube a ele fazer o comentário crítico e introdutório, em assembléia geral da Sociedade, à apreciação do meu trabalho. O Paulo não só o fez como o fez ao seu estilo, isto é, “era para não sobrar pedra sobre pedra”. Porém, antes desse dia, insistiu com os colegas em me dar uma cópia das suas críticas, no que foi impedido sob a alegação de que tal procedimento estava fora das regras. Conclusão, apesar de não conhecer o teor da suas inteligentes, profundas e detalhadas observações, respondi-as, “com tanta coragem e consistência”(sic), que conquistei a sua admiração. Dias depois, disse-me ele: – “É, na verdade, começaste a tua réplica com cinco pedras na mão” ... “Sim,” complementei eu, “com as mesmas que tu me jogaste.” Rimos muito e, desde então, nos tornamos amigos.

O que eu mais gostava no Paulo era a sua coragem, a qual sempre me pareceu própria de quem tinha o seu talento e a sua retidão. Escrevia muito bem e, é claro, também era conhecido por mim o seu notável talento musical. Pude constatá-lo mais de perto, em sua própria casa, em 1988, onde, junto com a Amanda, sua esposa, e filhos, na condição de Presidente da Sociedade, ofereceu uma recepção a uma nossa convidada, a Janine C. Smirgel. Lá estavam o Roberto Pinto Ribeiro, o Isaac Pechansky (seus diletos amigos), entre muitos outros, e a noite transcorria muito agradável. De repente, o Paulo me chamou para junto do piano e começou a tocar e a cantar um tango com tamanha naturalidade e habilidade que encantou a todos e tornou a noite ainda mais luminosa. Não sei se por modéstia ou timidez, terminada a canção, tratou de encerrar a sua exibição, tal como se dissesse para os meus curiosos olhos: – “Vê, é assim, tocar (e cantar) é como analisar, basta sentir e pôr em marcha o que se tem de fazer; ah!, e tem hora para terminar” ... Assim era ele, decidido, e até quando ficava brabo era, além de decidido, valente e decente. Aliás, em 1989, foi o Presidente que determinou o acesso dos psicólogos à formação analítica na SPPA.

O ano de 1990 trouxe outro fato que estreitou a nossa relação: ele foi eleito Diretor do Instituto e me convidou para ser o Secretário do mesmo. Foram dois anos de muita troca, aprendizado e de confiança recíprocas. Eu gostava da sua atitude ao





dirigir as reuniões da Comissão de Ensino, refletida no senso de responsabilidade que demonstrava e pelo formal respeito dedicado a cada colega e a cada opinião. Mais tarde, quando eu mesmo fui o Presidente e, principalmente, o Diretor do Instituto, além de outros exemplos, como o do Romualdo Romanowsky, lembrava-me sempre da postura do Paulo como uma espécie de guia central para executar aquela difícil função.

Nos últimos anos de sua vida, ele estava com uma motivação e uma participação renovadas dentro da Sociedade. Foi Conselheiro da Diretoria, no sentido amplo da palavra, isto é, tanto no específico posto, na gestão do Carlos Gari Faria, quanto fora dele, pois era sempre procurado por todos nós, que ocupávamos cargos na estrutura, para ouvirmos as suas opiniões. Interessava-se cada vez mais pelo ensino e pelos problemas da educação psicanalítica, razões pelas quais, uma vez mais, a vida na SPPA nos colocou frente a frente, lado a lado, seja na Subcomissão de Docência do Instituto, seja em conversas privadas muito úteis, construtivas e com o inequívoco sabor que a sua inteligência me proporcionava ao discutirmos os variados pontos sobre assunto tão complexo. Vinha dirigindo com muito entusiasmo um seminário optativo sobre a obra de Donald Meltzer, para o qual tinha novas e interessantes idéias, assim como colaborou diretamente comigo e com o Instituto na elaboração conjunta dos seus respectivos relatórios oficiais, para os dois últimos importantes eventos internacionais envolvendo o nosso Instituto. Para um deles, brindou-nos ainda com a idéia para o seu título, o qual, notem, tem a sua digna e inspirada marca estilística: “Prometeu e o destino do didata”.

Amando a Amanda, a sua família, os seus amigos, a música e a psicanálise, o Paulo dedicou-se a sua vida e foi por ela retribuído, motivos pelos quais gostava de viver e nós gostávamos de vê-lo em atividade. Como disseram o Paulo Fonseca, o nosso Presidente, ao conduzirmos o Paulo para o seu descanso final, e o Cláudio Eizirik, na primeira reunião da Comissão de Ensino sem o Paulo, nós todos vamos sentir a sua falta, pois a sua presença era sempre uma referência para todos nós.

Era isso, meu querido Paulo Martins Machado, finalizo com o teu nome completo, pois era assim que tu gostavas, nós não estamos tão tristes, só estamos com saudades, com muitas saudades...

Muito obrigado pelo tango, pelo Prometeu, por tudo o que era teu e que tu nos deste, por tanto tempo, com absoluta capacidade e sinceridade.

Muito obrigado pelo teu constante estímulo e pelo teu abraço, eles ficarão para sempre em meu coração.

Luiz Carlos Mabilde

Março/2001

